



CINELÂNDIA, A INCANDESCÊNCIA SUBTERRÂNEA¹

Gustavo Silveira Ribeiro

Entre dissipação e latência, escombros e sobrevida, os poemas deste novo livro de Leila Danziger são feitos de tempo preocupado. O tempo da recolha e da antecipação de “Cinelândia”, sua primeira seção, formada por um conjunto de poemas autônomos que, no entanto, se deixam ler como série ou suíte, partes de uma única peça em fragmentos, montada com habilidade sutil; e o tempo espesso da memória e do afeto em “Floração”, a contraparte íntima dos poemas mais eminentemente civis da porção inicial do livro. De um lado, os poemas se voltam para o rol dos acontecimentos recentes, num arco que se estende da

¹ Publicado em Leila Danziger, Cinelândia, Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.

guinada conservadora do país (cujo duplo marco é a destituição de Dilma Rousseff e a eleição, no Rio, do bispo-prefeito), passa pelo ciclo de violências dos últimos anos até chegar ao medo e aos silêncios da quarentena pela covid-19. De outro lado, no extrato final, a presença da poesia (como experiência emocional, sobretudo) e dos amigos, suas pequenas epifanias – a felicidade feroz que são capazes de provocar.

Nas duas metades deste livro, o público e o privado, a macro e a micro História se tocam e se confundem, indiscerníveis como as bandas da fita de Moebius que a artista Lygia Clark (um dos poemas nos recorda) vai pacientemente cortando e modelando diante da câmera, numa proposição que se impõe como um de seus trabalhos mais importantes. A indistinção entre fora e dentro constitui a dinâmica principal dessa poesia, inclusive em seu aspecto formal. Entrar e sair do poema, expandi-lo ou extravia-lo, fazer com que documentos do mundo (hashtags, fotos, citações, retalhos de vozes dispersas, anúncios da internet) se imiscuem no seu corpo, tornando porosas e ambíguas as fronteiras do discurso poético. A poeta que testemunha impotente as convulsões políticas da sua época é a mesma que assiste, na sala de casa, ao “repentino/murchar/dos crisântemos”: a rua e a casa. Os versos quase sempre curtos e delicados de Danziger incorporam, às vezes, passos de prosa, cacos de notícias – ecos de uma realidade terrível: “O crânio de Luzia nas cinzas//Mãe, ele não viu minha roupa de escola//Quem falou em descriar o mundo/amarrado ao mastro mais altivo do passado?” O poema saturado do real, pronto para renunciar a si, tornar-se outra coisa: a casa e a rua.

Em quase todas as páginas de Cinelândia o presente pulsa como espera, é sempre “véspera/da véspera”. O passado não terminou de passar, arrastando consigo centelhas e demolições. O futuro mantém-se aberto como promessa – adiada mil vezes, transtornada, posta em perigo, mas ainda assim realizável. Logo no início de um poema, a cena observada pela poeta nos subterrâneos do metrô serve como síntese: “não sei se haverá tempo/de alcançar a porta//aberta//quando o sinal sonoro/anuncia//vai partir”. Um passageiro

atrasado a pode alcançar? Será possível fazer entrar por ela o inesperado, dar lugar a outras formas (menos ordinárias) de vida? Ecos messiânicos invadem o cotidiano, estremecem com sua força a estabilidade aparente do mundo. Nesses poemas, a incerteza é a substância do presente, mas dela não advém apenas o estreitamento do tempo (a angústia). Expectativa e dúvida são também formas de uma abertura crítica do próprio tempo, desejo de intervenção que espreita o momento propício (kairós), consciência de que algo deve mudar – princípio-esperança. Não é por outra razão que o sujeito lírico, olhando para o que se passa nas ruas ao seu redor, surpreende a imagem que “sobre a pedra e o bronze” ergue-se como um “contra-monumento/à derrota”.

Se pessoas comuns, fixadas pelas lentes (e pelas palavras) da autora são elevadas, em Cinelândia, à condição de monumentos precários, marcos da revolta e do inconformismo, às verdadeiras estátuas a poeta reserva outro destino. Trata-se do projeto que se realiza nas páginas iniciais do livro, nas quais o ângulo das fotos e a montagem proposta por Danziger ressignifica as figuras de granito e metal fundido. Os versos de um dos poemas do livro como que se materializam ante os olhos do leitor, descrevendo o processo de composição da poeta-fotógrafa: “inclinar os heróis/30 a 45 graus/sobre os pedestais//sustentá-los/na iminência da queda”. Aproximar as estátuas do chão não é apenas dessacralizá-las, mas restituir a elas o elemento agônico que um dia tiveram, e que o processo de absorção institucional por que passaram apagou quase completamente. Viradas para a terra, as estátuas são imagens novamente – matéria visível que solicita e desafia o olhar.

Acostumada a revolver fundo os materiais com que trabalha nas artes plásticas (jornais, arquivos, vídeos), neste livro Danziger toma a cidade do Rio de Janeiro como objeto. Escavando a história da Cinelândia, traz à tona o que seus contornos atuais não revelam: “não há dúvidas –/Cinelândia é um nome de águas/palacetes, desapareções”. São vestígios de casas, morros e praias soterrados pelas transformações do tecido urbano. Eles se combinam, nos poemas, aos miseráveis e aos manifestantes que a ocupam hoje. Erguida sobre

ruínas, a Cinelândia continua a se modificar. A homenagem ao marechal (a praça se chama Floriano Peixoto) foi cedendo espaço ao imaginário da utopia moderna. A ‘terra do cinema’ (do movimento e da velocidade, do entretenimento de massas no qual Walter Benjamin entreviu grande potencial revolucionário), será também o território das multidões em protesto. Nos poemas e fotografias da primeira parte do livro, Leila Danziger cruza datas e mapas, como que a lembrar que a decadência da cidade ora dominada por mercenários e falsos profetas não há de perdurar. Os instantes de fulgor dos levantes (flagrados no livro – desde a imagem da capa – como um gesto sem fim, braços ao alto em sinal de chamamento e recusa, conforme indica Georges Didi Huberman) afirmam outra pólis. Por entre a destruição vive, em estado de potência, uma outra praça à altura da alegria inquieta do seu nome: “aguardo// lúcida desperta ansiosa/que a Cinelândia/apareça.”

GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO é professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais. Publicou, entre outros, os livros *O drama ético na obra de Graciliano Ramos* (Ed.UFMG, 2017), *Poesia contemporânea: reconfigurações do sensível* (Quixote, 2018), *Antevéspera, noite interior: atravessar uma canção que me atravessa* (Macondo, 2018).